



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA DE FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RECÔNCAVO BAIANO

Flávia Regina Alves dos Santos ¹; Rosemary Lapa de Oliveira ²

¹ Mestranda, professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador, integrante do Grupo de Pesquisa em Leitura e Contação de Histórias, flaviaalves3105@gmail.com

² Pós-doutora, docente da Uneb, líder do Grupo de Pesquisa em Leitura e Contação de Histórias, rloliveira@uneb.br

EIXO TEMÁTICO 8: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO

RESUMO

Ouvir e contar histórias é uma arte que atravessa o tempo e continua sendo muito importante na formação das pessoas, especialmente dos jovens e crianças. Por meio das histórias, conhecemos outros mundos, aprendemos sobre nós mesmos e ampliamos nossas experiências. Quando temos a chance de escutar boas histórias, nos deixamos levar pela imaginação e pelos sentimentos que elas despertam. É nesse momento que nasce o gosto pela leitura, aquele prazer de mergulhar em livros, descobrir personagens, viver aventuras e refletir sobre a vida. As histórias também ajudam a enxergar o mundo com mais sensibilidade e empatia. Elas nos ensinam valores, fortalecem nossa autoestima e nos mostram que cada pessoa tem uma voz, uma origem e uma história que merece ser contada. Participar de ações de contação de histórias é, portanto, muito mais do que ouvir: é um jeito de se conectar, aprender e construir juntos um mundo melhor, com respeito às diversidades, à cultura e à convivência. O encantamento e a magia que uma história contada é capaz de causar em quem a ouve constituem um legado que precisa ser perpetuado. Essa herança se mantém viva por meio das histórias contadas por pais, avós, educadores e griôs, que passam de geração em geração os saberes e valores que estruturam a vida em comunidade. As narrativas orais permitem que as pessoas se conectem com suas raízes, compreendam melhor sua identidade e valorizem os laços de pertencimento. Nas comunidades quilombolas, esse exercício da oralidade é ainda mais significativo, pois os mais velhos assumem o papel de guardiões da memória e da tradição. São eles que mantêm vivas as histórias dos antepassados e compartilham com as novas gerações os conhecimentos e ensinamentos transmitidos oralmente ao longo do tempo. Reconhecidos como agentes de preservação da cultura e respeitados por sua sabedoria popular, os griôs constituem uma ponte entre passado, presente e futuro. Nessa perspectiva, o interesse pela elaboração deste relato emerge da experiência profissional desenvolvida através da Associação de Guias, Condutores e Monitores de Turismo do Estado da Bahia (AGCOMTUR-BA), uma Organização Não Governamental com sede na cidade de Cachoeira – BA, que desde agosto de 2022 desenvolve uma ação de contação de histórias e incentivo à leitura em comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano, com o objetivo de fomentar o prazer pela leitura e valorizar os griôs como protagonistas da narrativa oral. É a partir dessa vivência que nasce também o projeto de pesquisa do mestrado acadêmico, desenvolvido na comunidade quilombola Embiara de Cima, onde



busco aprofundar a investigação sobre a contação de histórias como prática educativa e cultural de fortalecimento identitário e transmissão de saberes ancestrais. A pesquisa se caracteriza como uma revisão narrativa de literatura articulada à análise de experiência empírica desenvolvida no âmbito dessa comunidade, com o propósito de protagonizar os griôs como contadores de histórias e valorizar a transmissão oral dos saberes tradicionais. A elaboração deste relato nasce do anseio em destacar e vivenciar a contação de histórias como um recurso pedagógico e cultural de transmissão de saberes. Trata-se de uma prática que, ao unir oralidade, arte e ancestralidade, favorece o desenvolvimento pleno dos indivíduos, sejam eles adultos ou crianças, e contribui para que se tornem sujeitos críticos, leitores e transformadores de realidades. Essa experiência também se revela socialmente relevante, pois amplia o conhecimento teórico e prático sobre as formas de transmissão oral, valorizando a educação como um processo coletivo e afetivo. Assim, a contação de histórias se reafirma como um caminho de resistência, aprendizado e pertencimento, uma ponte viva entre memória, identidade e futuro. As observações e registros dessa vivência serviram como base para a análise, possibilitando compreender como as práticas narrativas contribuem para a formação de leitores e para o fortalecimento cultural das comunidades envolvidas. A proposta consiste em promover encontros em que os contadores e contadoras de histórias compartilham narrativas afro-brasileiras, mitos, memórias e contos da tradição oral, criando um espaço de escuta, aprendizado e afetividade. Os ouvintes, jovens e crianças, são convidados não apenas a ouvir, mas também a participar, recontar e criar suas próprias histórias, fortalecendo o protagonismo, amadurecendo o sentimento de pertencimento e o vínculo com sua comunidade. Diante dessa constatação, delineia-se a seguinte questão de pesquisa: de que maneira a contação de histórias nas comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano contribui para o fortalecimento da identidade cultural e para a transmissão de saberes ancestrais? A partir dessa indagação, o objetivo geral deste estudo consiste em investigar como a contação de histórias, enquanto prática educativa e cultural, pode atuar no fortalecimento identitário e na formação leitora em comunidades quilombolas. De forma articulada, os objetivos específicos buscam analisar a contação de histórias como instrumento de preservação da memória coletiva e dos saberes ancestrais; valorizar os griôs como protagonistas da narrativa oral e guardiões das tradições; e, por fim, refletir sobre as contribuições dessa prática para o desenvolvimento crítico, social e cultural de moradores/as de territórios quilombolas. Essa experiência evidencia o quanto a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica potente, capaz de unir ludicidade, cultura e formação crítica. Utilizar a narrativa oral como meio de acesso à literatura afro-brasileira e ensinamentos tradicionais possibilita o reconhecimento de identidades, o fortalecimento de laços sociais e a construção de uma memória literária afetiva. Nessa perspectiva, compreendemos que a arte de contar histórias está intimamente ligada à escuta. Como afirma Munduruku (2015), para aprender a contar histórias é preciso, antes, saber ouvir histórias e estar atento ao que as pessoas dizem sobre si mesmas e sobre seu cotidiano. Essa escuta ativa possibilita o contato com experiências e saberes que, transformados em narrativa, se tornam fonte de ensinamento e reflexão. Por meio das histórias e dos/as personagens que as habitam, o público ouvinte entra em contato com os valores morais, sociais e tradicionais de sua comunidade, aprendendo, assim, o comportamento ideal do ser humano no seio familiar e coletivo. As narrativas, portanto, refletem a sabedoria ancestral, funcionando como porta-vozes das memórias, tradições e do imaginário de um povo, além de constituírem-se como instrumentos de formação ética e cultural (Oliveira, 2021). Do ponto de vista epistemológico, as teorias da mediação pedagógica calcada na autonomia de Paulo Freire (2019) oferecem importantes contribuições para compreender



a relevância da contação de histórias no processo de aprendizagem. Na visão socioconstrutivista de Vygotsky (1989), os instrumentos e signos são construções sócio-históricas e culturais, e é pela interiorização desses sistemas, via interação social e produção cultural, que ocorre o desenvolvimento cognitivo. Assim, a contação de histórias pode ser compreendida como um instrumento pedagógico que favorece o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, promovendo a compreensão de mundo e estimulando o pensamento crítico e criativo. Nessa mesma perspectiva, contar histórias estimula o desenvolvimento de ideias e atitudes positivas, reforçando uma visão de mundo autônoma e colaborando para a formação de habilidades sociais e morais. Segundo Piaget (1975), a função simbólica no processo de aprendizagem é essencial para a construção de significados e valores, pois permite a resolução de problemas no plano simbólico e ampliação da capacidade de socialização do pensamento. Desse modo, as técnicas de contação de histórias e de representação simbólica ajudam os indivíduos a expressarem sua visão de realidade, estimulando o imaginário e a criatividade. Para Walter Benjamin (2020, p.21), a experiência que se transmite oralmente é a fonte de todos os contadores de história, e “entre os que escreveram, os melhores são aqueles cujos escritos menos se afastaram da fala dos muitos contadores anônimos”. A contação de histórias, como prática narrativa ancestral, valoriza e dissemina as tradições de um povo, preservando sua memória e identidade. Matias (2010) destaca que a contação se desenvolveu paralelamente à linguagem oral, adquirindo características próprias conforme a cultura e o contexto histórico. Trata-se, portanto, de uma prática multifuncional, que envolve difusão de tradições, aconselhamento, compartilhamento de informações, redefinição de práticas e promoção de reflexões filosóficas. Ainda segundo Benjamin (2020, p. 26), “o contador de história tira o que ele conta da sua própria experiência ou da que lhe foi relatada por outros, e transforma em experiência para aqueles que escutam sua história”. Assim, o encontro entre narrador e ouvinte gera movimentos de transformação e amadurecimento, uma vez que o contato com as experiências contidas nas histórias desperta novas percepções e atitudes críticas frente à realidade. Em outra passagem, Benjamin (2020, p. 56) afirma que “o contador de histórias pode ser considerado um mestre ou um sábio. Ele sabe aconselhar [...] como um sábio.” Essa concepção reforça o papel educativo da oralidade, que instiga os ouvintes a relacionar passado e presente, a refletir sobre seus contextos e a interpretar suas próprias vivências. Na mesma direção, Hampâté Bâ (2010) destaca que, por trás de cada testemunho oral, reside o valor do homem que o transmite, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, e a fidedignidade das memórias individual e coletiva. Ensinar e aprender, portanto, emergem do compartilhamento e da troca de saberes significativos para a vida em comunidade. Como afirmam Silva, Florencio e Pederiva (2019, p. 49), “as tradições são processos de transmissão de saberes de geração em geração, que dizem respeito à ancestralidade e à espiritualidade, fazendo sentido tanto na constituição da comunidade quanto na constituição da pessoa, como um fio identitário ancestral.” Nessa perspectiva, os griôs e os anciãos assumem papel central na preservação da tradição oral africana e afro-brasileira. Segundo Hampâté Bâ (2010, p. 169), “a tradição oral é a grande escola da vida, que recupera e relaciona todos os aspectos do existir humano”. A oralidade, ao reafirmar seu potencial epistêmico e pedagógico, torna-se o principal meio de manutenção das culturas africanas e afro-diaspóricas, assegurando a continuidade dos saberes e valores coletivos. A tradição oral, portanto, é também um instrumento de resistência e afirmação cultural, contribuindo para a autonomia das comunidades frente a influências externas e para a coesão social. Ela ensina às novas gerações a importância de preservar costumes e rituais, celebrando a memória coletiva.



Para Hampâté Bâ (2010, p. 209), “a memória dos conhecedores abrange várias áreas do conhecimento e se constitui uma verdadeira biblioteca”. A memória do ancião, nesse sentido, é o repositório vivo do saber, guardando e transmitindo os ensinamentos que fortalecem a identidade e o sentimento de pertencimento. As comunidades quilombolas brasileiras representam um patrimônio cultural e histórico que nasceu da resistência à escravidão e da luta pela autonomia. A transmissão de conhecimentos e valores nesses territórios ocorre, predominantemente, pela oralidade. Conforme Mattos (2005, p. 110), os remanescentes quilombolas sustentaram suas crenças “por meio da recuperação das narrativas de seus pais e avós, mas desenvolvendo novas interpretações, transformando práticas culturais em capital simbólico para a afirmação da identidade quilombola”. Nesse sentido, a oralidade nas comunidades quilombolas é dinâmica e adaptável, incorporando novas narrativas e significados ao repertório cultural. Essas histórias carregam elementos de resistência, ensinamentos morais e sabedoria prática, refletindo as experiências coletivas e fortalecendo os vínculos comunitários. Além disso, a contação de histórias atua como um meio de educação informal, onde tradições, normas sociais e conhecimentos práticos são transmitidos de uma geração para outra, carregados de valores e culturas próprias, imbuídos de sentimentos de pertencimento (Gohn, 2006). Desse modo, compreende-se que a tradição oral nos territórios quilombolas é um processo educativo e cultural essencial, que desenvolve aprendizagens a partir da vida cotidiana, das relações e da memória. Por meio das histórias, lições morais e éticas são compartilhadas, moldando comportamentos, atitudes e a consciência coletiva, constituindo-se como um dos pilares da formação identitária e da preservação da cultura afro-brasileira. As práticas desenvolvidas nas comunidades quilombolas têm contribuído para a formação de indivíduos mais sensíveis e conscientes, capazes de reconhecer o valor dos saberes ancestrais. Além disso, reforçam o sentimento de pertencimento e o respeito às tradições, promovendo uma educação voltada à valorização das diversidades culturais e à construção da cidadania. Os resultados dessa experiência, até o presente momento, revelam que a contação de histórias se consolida como uma prática de resgate cultural e pedagógico, capaz de unir ludicidade, oralidade e formação crítica. Os/as participantes têm demonstrado maior interesse pela leitura, ampliando sua percepção sobre a própria história e fortalecendo o sentimento de pertencimento à comunidade. O protagonismo dos griôs, compartilhando memórias, mitos, tradições e ensinamentos, têm reafirmado a importância dos mais velhos como transmissores de saberes e agentes de resistência cultural. Essa interação intergeracional contribui para o reconhecimento da oralidade como patrimônio imaterial e para a valorização das identidades afro-brasileiras. Além das rodas de contação de histórias, são promovidas atividades complementares, como rodas de memória e partilha de vivências, nas quais os participantes são convidados a recontar experiências pessoais ou coletivas relacionadas à história da comunidade, aos saberes tradicionais e às práticas cotidianas. Essas ações estimulam a valorização da trajetória de vida de cada participante, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o reconhecimento do próprio papel na preservação da memória coletiva. Assim, a contação de histórias para o público adulto assume um caráter de formação, resistência e reconstrução simbólica, servindo como espaço de escuta, cura e reafirmação de vínculos, onde cada voz é reconhecida como portadora de história, sabedoria e memória. Conclui-se que a contação de histórias é um instrumento potente para a formação de leitores críticos e conscientes, fortalecendo a educação como prática libertadora e o espaço comunitário como território de memória, afeto e aprendizagem.



Palavras-chave: Contação de histórias; Tradição oral; Educação popular; Identidade quilombola.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. Trad. Patrícia Lavelle. 2 ed. São Paulo: Hedra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 60ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: **História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África**. p. 167-212. Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

MATIAS, Lígia Borges. **“O valor da narrativa na pós-modernidade”**. In: TERNIO, Giuliano (org). **A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática**. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. p.71-88.

MATTOS, Hebe. **Remanescentes das comunidades dos quilombos: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil**. Revista USP. São Paulo, n. 68, p.104-111. Dezembro / fevereiro 2005-2006.

MUNDURUKU, Daniel. **A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena**. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Rauen Taiza Mara. **Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc, São Paulo, 2015. p. 21-28.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa. **Guia de Contação de Histórias**. Consultora - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no âmbito do Projeto 914BRZ1094.5, sob o contrato nº 2933/2021. Guia de Contação de histórias, 202.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação** (Cabral, A.; Oiticica, C.M., Trad.). 2a Ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: INL. 1975.

SILVA, D. B. P.; FLORENCIO, S.P. N.; PEDERIVA, P. L. M. **Educação na tradição oral de matriz africana: a constituição humana pela transmissão oral de saberes tradicionais – um estudo histórico-cultural**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.



VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____A formação social da mente. São Paulo: Martins Fonte, 1999.